

UMA NOVELA BRASILEIRA DE 1830

Marlyse Meyer

Seria interessante — no campo das influências francesas no Brasil — uma pesquisa sobre os numerosos jornais e revistas, do Rio de Janeiro, escritos em francês pelo século XIX afora, desde o "Echo de l'Amérique du Sud" (1827) até "L'Etoile du Sud" (1882-1913) (1). O exame, mesmo superficial, desses periódicos assinalemos, de passagem, o texto de Villiers de l'Isle Adam publicado no "Alcyon" em 1841) sugere observações das mais diversas. Chamou-nos a atenção a "Revue Française" (2), por trazer, ao que nos parece, curiosa contribuição para a história da ficção no Brasil.

O editor da revista propunha-se, de início, a divulgar, em francês, coisas da França: "En cherchant aujourd'hui à fonder au Brésil sous le titre de 'Revue Française' une publication mensuelle... nous croyons être utiles à la fois à nos compatriotes et à la nation hospitalière dont les moeurs, douces et libérales nous rendent moins pénible l'éloignement de la terre natale. En effet, dans un pays où la langue française se répand chaque jour davantage et fait partie essentielle de l'éducation; dans un pays que l'immensité des mers sépare de la France, quel est le Brésilien, quel est le Français qui ne trouvera pas quelque utilité à une publication exclusivement consacrée à analyser la littérature, les sciences, les arts... d'une contrée que sa civilisation a rendu à juste titre ou rivale au modèle des autres contrées de l'Europe?" (R. F. N.º 1)

Esta ardente profissão de fé não exclui forte nacionalismo brasileiro, típico de filho de emigrado, com motivações aliás não de todo puras, a julgar pelo manifesto que abre o n.º 1 do ano II: "La 'Revue Française' leur a appris (aos brasileiros) que désormais, pour graver et imprimer une estampe (3) quelconque ils peuvent se passer de tout secours étranger; elle a montré que... aujourd'hui, tout ouvrage gravé hors du Brésil peut être regardé comme production anti-nationale".

De qualquer forma, a análise do conteúdo dos doze números da revista mostra a primazia dada a assuntos brasileiros ou americanos, já que se faz necessário, diz ainda o Sr. Fourcy, iniciar seus patrícios nas coisas da terra

(1) Tal trabalho será muito facilitado pelo último número dos «Anais da Biblioteca Nacional»: «Catálogo de Jornais, revistas do Rio de Janeiro, 1808-1889 existentes na Biblioteca Nacional». Vol. 86, 1965.

(2) «Revue Française: littérature, science, beaux-arts, politique, commerce.» Ano I-II, maio 1839, abril 1840. Rio de Janeiro, Imprimerie et Calcographie de C. H. (Fourcy).

(3) A apresentação da revista é muito cuidada, em estilo romântico, com bela gravação em aço precedendo cada número e ilustrando uma das rubricas.

em que escolheram viver. Dende artigos sóbre pássaros, plantas e costumes brasileiros; biografia de José Bonifácio; traduções de poemas brasileiros e das "Máximas" do Marquês de Maricá; as "revues du mois" que veiculam matéria brasileira. Daí, principalmente, a escolha de uma das novelas — prato de resistência de publicações do gênero — a denotar um sinal dos tempos. Depois de tantas novelas traduzidas, adaptadas, ou imitadas do inglês ou do francês, que dominam nos periódicos literários, eis que uma revista francesa publica, provavelmente pela primeira vez na história da literatura nacional, uma tradução em francês de novela brasileira. O tino comercial do Sr. Fourcy fazia-o seguir o movimento que se notava então pela imprensa, no qual a produção local ia tomando lugar cada vez maior, ao lado dos folhetinistas estrangeiros consagrados. A novela é "Olaya et Júlio, nouvelle brésilienne, traduite librement du portugais" e pareceu-nos digno de nota seu ênredo: O narrador evoca os tempos em que, percorrendo o interior do Brasil, fôra recebido numa fazenda do Ceará por um jovem casal. Este parecia tão feliz que o viajante acaba pedindo a Júlio, o marido, as circunstâncias de seu casamento com a linda Olaya, menina rica, criada em fazenda com os pais e irmãos. Surpreende ela, uma dia, o irmão mais velho a maltratar um menininho barrigudo e faminto, que lá viera ter por acaso, fugindo da seca que lhe matara os seus. Olaya consegue salvá-lo, incita-o a prosseguir viagem, dando-lhe um farnel com farinha e carne seca, uma patata e uma periquita, que poderia vender em caso de necessidade. O menino dá em troca à mimosa Olaya um medalhão que pertencera à sua mãe, e segue sertão afora; abrigado algum tempo por um prêto velho, é recolhido depois por um grupo de naturalistas. Estes querem a todo custo comprar a periquita, mas, embora esfomeado, Júlio não quer se desfazer do bichinho, lembrança de Olaya. O chefe da expedição comove-se diante de tal nobreza de sentimentos e adota Júlio; o menino presta grandes serviços aos exploradores pelo conhecimento que tem das coisas da terra. Acaba indo com o padrinho para Hamburgo, onde recebe esmerada educação; transforma-se num belo rapaz e abastado negociante. Mas a saudade da pátria e a recordação de Olaya levam-no de volta ao Brasil; abre grande firma comercial em Pernambuco. Chegam notícias de terrível seca no Ceará. Júlio arma um navio contendo socorros para os flagelados e rumoa para Fortaleza, com a esperança de reencontrar a moça. Logo ao chegar, reconhece entre os jovens recrutados para a tropa o irmão de Olaya, por sua vez, faminto e miserável. Júlio dá-lhe algum auxílio e pede-lhe que o leve aos seus. A família vive agora numa pobre casa de taipa e Júlio chega no instante em que Olaya, após ter pousado no chão enorme pote que carregava à cabeça, senta-se diante da almofada de bilros. Cabe à infeliz moça sustentar sua mãe doente e os irmãosinhos. Efeitos da seca e da incúria do irmão. Magra e cansada, ainda traz ao pescoço o medalhão de outrora. Júlio dá-se a reconhecer e os jovens acabam naturalmente se casando. O rapaz liquida os negócios e compra uma fazenda, a mesma onde os encontrou o narrador. Nela ocupa um lugar de honra a periquita, empalhada e o pote de barro, testemunhas das horas negras.

Bem brasileiro, pois, o tema, numa época em que ainda balbuciava a ficção nacional e não parecia ser frequente o elemento regional. (4) Note-se que este não é mero pano de fundo, mas constitui a própria trama narrativa.

(4) Convém assinalar os folhetins do «Jornal do Comércio», de 23, 24, 25 de fevereiro de 1839 que publicam (imediatamente antes de «Religião, amor e pátria», de Pereira da Silva, que é de 12, 13, 14, 15 e 16 de março) a novela anônima: «Ressurreição gaúcho e rural, com evocação de lendas e festas, a do Divino entre outras, com diálogos reproduzindo modismos gaúchos, como o tratamento na segunda pessoa, por exemplo.

Embora não se trate de nenhuma obra-prima, a novidade do enredo, certa fluência narrativa, o estilo elegante, embora convencional — aspectos pouco encontradiços na produção nacional coeva — fizeram-nos pensar a princípio que se tratava de próprio original. Obra de alguém que aljava incontestável vivência brasileira à boa formação de beletrista francês. Caso fosse realmente tradução, obedecia às normas de elegância e "bienséance", que imperavam até então na França, davam inteira liberdade ao tradutor para que "arranjasse" o texto. Era tradução: Hélio Viana (5) consignava "Olaya e Júlio, ou A periquita; novela nacional" ao descrever uma das primeiras revistas literárias do Rio de Janeiro, "O Beija-Flor" (6), publicada entre 1830 e 1831. Muito excitados diante da data da publicação da novela — situam-se entre 1837-1839 as primeiras manifestações da ficção romântica —, fomos ao "Beija-Flor", na Biblioteca Nacional. E lá estavam, ocupando três dos oito números da revista, relatadas em português, as aventuras dos jovens cearenses. Reservava-nos outra surpresa ainda a leitura do original. Confirmava-se a hipótese quanto ao arranjo mais elegante da tradução francesa: o texto do "Beija-Flor" era com efeito mais prolixo que o da "Revue Française", mais tóscos, também. Mais realista, porém, com nítido senso da cér local, quer descrevesse o sertão e sua flora, os "peões em traje sertanejo feito tudo à custa do couro"; a vendinha que vende cachaça; a tapera de Olaya e os parcos acessórios que a compõem; quer desse informações precisas sobre o andamento dos negócios de Júlio, ou a organização doméstica dos recém-casados; ou ainda, quando, revelando o bom senso do narrador, mostra as hesitações de Olaya na cena do reencontro, pois, para ela, Júlio era ainda aquêle menino horroroso e faminto. Detalhes tão concretos, que o leitor é quase levado a acreditar na promessa do narrador no epílogo (que não consta na versão francesa) de quem voltará a falar no simpático casal, pois continua mantendo correspondência com Júlio. São minúcias que, mais de uma vez, cortam o ritmo da narrativa, mas o defeito é compensado por este aspecto realista, a denotar íntimo conhecimento da matéria tratada, não sendo desprovida de encanto sua tóscas apresentação. Porém, desprendia-se do texto algo indefinível, a princípio, como que uma mistura de singeleza e pernósticismo, que soavam estranhamento. Ao cabo de algumas páginas, esclarecia-se o mistério. Nascia da curiosa linguagem que veiculava a matéria sertaneja: o jovem casal "constitui um par tão bem sortido"; "esteja quieta", diz o marido, para afiançar algo à esposa. Júlio "tinha ido às graças de Deus pelos sertões" e transformou-se "num jovem de grande ar, bela presença". O narrador é introduzido por "um preto de maduro e agradável semblante" e, com Júlio, trava "a conversação que virou naturalmente sobre os interesses políticos"... "e a conformidade de idéias estreitou o conhecimento de tão fresca data". Não havemos de multiplicar os exemplos, já que serão publicadas as duas versões da novela; êsses já terão sido suficientes para mostrar que o texto cheira tremendamente a francês. Até a transcrição do linguajar do negro reproduz modismos das Antilhas Francesas, que não não correspondem às convenções da prosódia do negro do Brasil. Vocabulário, sintaxe,

(5) Hélio Viana, «Introdução à história da imprensa no Brasil», Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1945, (Instituto Nacional do Livro). Verificamos ulteriormente que «Olaya» vem igualmente citada por Barbosa Lima Sobrinho na magistral introdução aos precursores do conto no Brasil: «Panorama do Conto Brasileiro», Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1960, vol. 1, p. 19.

(6) «O Beija-Flor»: annaes brasileiros de Scienza, politica, Litteratura, etc., etc., por uma sociedade de literatos. Rio de Janeiro, na Typographia de Gueffier, 1830. Note-se que antes do «Beija-Flor», dada por H. Viana como a terceira revista literária do Brasil, sahia a «Revue Brésilienne», que já publicava no seu exemplar único, uma novela «imitada do inglês». «Une visite au Purgatoire».

idiotismo, tudo revela fonte francesa. Estariamos diante de inábil tradução, que era tão freqüente no tempo? Mas, então por que tantas diferenças com o texto da "Revue Française"? Seria pouco provável imaginar-se duas versões do original. Leitura mais atenta da novela foi-nos levando a formular outra hipótese. Se o aspecto francês da linguagem é incontestável, essa impressão de grande familiaridade com a realidade descrita a que nos referimos não provinha únicamente de informação adequada: apesar dos tremendos galicismos sente-se que o Autor tem também grande familiaridade com a língua quotidiana que transmite essa realidade. Naturalmente, é nos diálogos que isto se percebe melhor: fluem com espontaneidade, não hesitando em lançar mão da gíria e modismos chãos, num contraste flagrante com a parte descriptiva ou expositiva, que tropeça mais facilmente na estrutura da frase francesa.

Ocorreu-nos então a pergunta: e se a novela tivesse sido escrita diretamente em português, mas por um francês de origem, que nem sempre soubra transpor os obstáculos de construção da língua materna? Afinal de contas, nem só de cabelereiros e modista se constitui a colônia francesa do Rio de Janeiro nessa época, e não faltaria quem, a par de experiência da vida brasileira, soubesse também manejar a pena.

Folheamos o "Beijar-Flor", à cata de uma pista; e logo esbarramos com indícios significativos: uma das rubricas era dedicada às "sciencias medicais", mas, principalmente, não havia solução de continuidade entre o estilo tão peculiar da novela e o da maioria dos artigos; sem falar no grande interesse demonstrado pela França. o que, aliás, não caracteriza únicamente o "Beija-Flor". Mas sente-se vibrar a pena de um redator liberal nas páginas que descrevem as lutas de rua durante a Revolução de Julho em Paris; o mesmo redator, ao traçar interessante quadro da imprensa do Rio, na época, ressalta a importante função dos periódicos franceses, como também enaltece a obra recém-publicada por um francês do Rio, obra que teve sua importância na história da introdução do Romantismo no Brasil: os "Idylles Brésiliennes" escritos em latim por Teodoro Taunay, e traduzidos em alexandrinos franceses por seu irmão Félix. É desse artigo que extraímos um trecho que ilustra o estilo do redator da revista: "Um fenômeno aparece no horizonte da nossa nascente literatura." A publicação dos "Idylios Brasileiros" é tanto mais notável que a distância que separa esta produção das imprensas brasileiras de quantas outras têm até hoje saído à luz, não se pode medir, pois ela entra na ordem das obras de merecimento transcendente, que publicadas em qualquer idioma nas cidades muito cultas, chamam a atenção da Europa inteira, e sobrevivem na posteridade..."

As pesquisas, que vínhamos fazendo simultaneamente nos jornais do Rio da mesma época, mostraram-nos que essa língua *sui-generis* não constituía fenômeno isolado. O "Jornal do Comércio" oferecia freqüentes exemplos desse estilo — "frânsileiro", como diria Etienne —, quer nos editoriais, quer nos anúncios. Este, por exemplo, que comunica o lançamento de "nova coleção de livros pelo autor de Evrard, ou São Domingos no décimo nono século: esta nova coleção que seu autor vem estabelecer ele mesmo no Brasil sai a luz todos os meses por entrega, e forma doze folhetos... a primeira entrega está em venda... etc." (Jornal do Comércio, 4 de março de 1830); ou este outro feito provavelmente pelo pai do Fourcy da "Revue Française": "H. Fourcy, abridor novamente chegado de Paris faz saber aos senhores livreiros, ... mercadores de estampas e comerciantes desta Capital que tem aberto uma oficina de grava-dura ao buril para música, estampa e letra, rua do Cano, 73, ao 1.º andar." (Jornal do Comércio, 15 de fevereiro de 1830). Os mais belos exemplos desse

jargão encontram-se provavelmente no "Espectador Francês" lançado por Pierre Plancher, o fundador do "Jornal do Comércio", dois anos depois de sua chegada ao Brasil, em 1824. (7) A desenvoltura de Plancher é deliciosa: "... falo do hábito quase em geral de se meter a ridículo tudo o que cheira a estrangeirismo e que é lembrado por pessoas que alguma coisa aprenderam na escola do mundo... No estado em que somos, faz bom serviço à sua pátria quem reproduz, com boa escolha, e em oportuna ocasião aquilo que viu produzir utilidade em outro país... querer tudo inventar nossa ébazofia, imperdoável, nem as sciencias e artes são tão adiantadas no Brasil que se possa dispensar o que se inventa, se aperfeiçoa e se pratica com vantagens (sic) na ilustre Europa..." E assina: "Um francês-brasileiro". Não seria difícil multiplicarem-se os exemplos. (Haveria, aliás, pesquisa a fazer para avaliar os efeitos dessa impregnação da língua francesa pela leitura quotidiana dos jornais). Mas cremos ter dado o suficiente para mostrar que não é de todo descabida a hipótese de um francês ter narrado, num português por vezes macarrônico, a história de Olaya e Júlio. História que foge tanto ao esquema convencional das novelas traduzidas, tão freqüentes na época, que se pode imaginar ter sido ela inspirada por fatos verídicos, ou, quem sabe, suscitada pelo impacto que teria causado a notícia da grande seca de 1825 (8).

Resta o problema da autoria. Seria interessante chegar-se à identidade do redator de "O Beija-Flor", o que levaria talvez ao autor de "Olaya" e mesmo quem sabe, a uma só e única pessoa, se levarmos em conta a unidade de tom que caracteriza o estilo da revista. Seja-nos permitida mais uma hipótese, nascida de outros indícios colhidos no "Beija-Flor". Esta frase, por exemplo, que completa o artigo citado acima, sobre os "Idylles Brésiliennes": "... Porém, como há lugar para nos dar por suspeitos, contentamo-nos com o traduzir a opinião que o redator do "Messager" imprimiu sobre os "Idilios" nos seus 9 e 10 números...". Disto se conclui, obviamente, uma ligação do redator da revista com a família Taunay. Uma verificação no fichário de autores da Biblioteca Nacional não associava "Olaya" a nenhum deles, mas permitia associá-los à revista. Grande parte desta trata, num tom de apaixonada participação que lhe dá um cunho muito simpático, de problemas ligados à agricultura e economia brasileiras, de questões de mão-de-obra, sendo o redator partícipio da abolição da escravatura e implantação de colônias estrangeiras. Alguns números publicam, outrossim, largos trechos de um "Manual de Agricultura", lamentando o comentador que o número de subscrições ainda não tenha permitido a publicação de obra tão importante para o progresso do Brasil." Ora, o referido fichário indicava o autor do "Manual" — o qual viria à luz alguns anos depois, — autor também de opúsculos sobre o cultivo do algodão, o problema do escravo, assim como um roteiro de viagem a Petrópolis. E o autor desses livros é Charles Auguste Taunay.

Competia ao Visconde de Taunay esclarecer-nos sobre esse membro da família. (9) Refere-se a ele muitas vezes, dedicando nos "Trechos..." comovente capítulo ao "tonton Charles" como era chamado pelos sobrinhos que o adoravam.

(7) V. Félix Pacheco, «Hum francês-brasileiro: Pedro Plancher; subsídios para a história do «Jornal do Comércio». Rio de Janeiro, Typographia do Jornal do Comércio, 1917.

(8) Esta figura entre as grandes secas que assolaram o Ceará. V. João Brigido, Ceará, homens e fatos, Rio de Janeiro, Typ. Besnard Frères, 1919, pp. 22-23.

(9) Visconde de Taunay: «A cidade do ouro e das Ruínas»; «Estrangeiros ilustres e prestatímos no Brasil, 1800-1892... Melhoramentos, 1943; «Trechos da minha vida», Melhoramentos, 1922.

Charles Auguste Taunay já se tinha ilustrado nas guerras napoleônicas (recebera, com 22 anos, das próprias mãos do Imperador, a legião de honra, e quase perdeu o nariz na batalha de Leipzig), quando embarcou com a família para o Brasil. Era o filho mais velho do Nicolau Taunay da Missão Francesa, e foi él que, deslumbrado diante da natureza do Rio de Janeiro e da Tijuca em particular, induziu o pai a comprar o sítio da Cascatinha onde se estabeleceria a família. "Homem dotado de fogosidade e independência de espírito", quase foi fuzilado na Bahia, por revoltar-se contra o general Labatut sob cujas ordens combateu durante as guerras de Independência. Salvou-se por milagre, tendo-se então reformado com o posto de Major, o Major Taunay, como era conhecido. Enquanto Félix, Teodoro e Adriano, (este haveria de perecer tragicamente afogado no Guaporé durante a expedição Langerdorf) decidiram estabelecer-se definitivamente na Tijuca. Charles Auguste voltava à França com os pais e o irmão Hypolite em 1821. Mas logo regressava o irriquoado moço para tomar parte, como vimos, nas lutas pela Independência. E até sua morte, em 1867, haveria de se dividir entre os dois países, transitando ininterruptamente entre a França e o Brasil. Sua chegada era sempre motivo de festa, pois, sempre acolhido pelos amigos franceses, era, no Rio, "sumamente estimado e popular, pelo gênio jovial, a cortesia e afabilidade, espírito mordente, mas nunca mordaz." Era adorado por toda a colônia francesa, e dava-se com os mais modestos, o que lhe valia críticas por parte da aristocrática família. A vida movimentada não impediu que exercesse intensa atividade. Como todos os irmãos, tinha pendores literários — traduziu Terêncio em francês — porém preocupava-se mais com outro tipo de problema. Tomou parte ativa nos trabalhos da "Sociedade de Agricultura", mostrando-se ardente partidário da abolição. Já vimos que escreveu obras ligadas ao assunto, além do "livrinho bem pitoresco sobre Petrópolis", o qual, no dizer do Visconde "tem algumas páginas bem interessantes e escritas em bom português, embora de vez em quando lá venha forçado galicismo ou frase toda de feição francesa, denunciar a pena do estrangeiro" (10). Charles Taunay foi também jornalista, colaborador assíduo e muito apreciado do "Jornal do Comércio" e fundador do primeiro "Messager du Brésil".

Estas informações permitiriam talvez acrescentar-se um item à biografia do simpático Major, embora o Visconde silenciasse a respeito. Seu espírito, seu temperamento, sua visão liberal, seus interesses primordiais, sua expedição ao Norte, seu amor pelo Brasil a par de profundas raízes francesas, seu estilo, tudo isso não se coaduna com o tom e a matéria de "O Beija-Flor"? (Sem esquecer os diferentes empréstimos feitos pela revista ao "Messager") A "sociedade de literatos" anunciada na capa da revista, mas "inexistente como tal" no dizer de Hélio Viana (11) não se resumiria na pessoa do Major Taunay? O que não excluiria a hipótese de eventual colaboração dos irmãos, com quem era muito ligado, ou de gente mais chegada ao grupo de franceses da Tijuca, esses pioneiros do romantismo brasileiro, como apontou tão bem Antônio Cândido? A elas se deveriam então, não só os latino-brasílicos "Ídilos", mas igualmente a afrancesada e sertaneja história de Olaya e Júlio. Provavelmente uma das primeiras novelas brasileiras e, certamente, uma das primeiras a inaugurar a linha regional, cumprindo bem, quanto ao tema e enredo as intenções do subtítulo: "Olaya e Júlio; ou, a periquita; navela nacional". Mas, bi-nacional quanto à língua, simbolizando assim, de saída, por esse amálgama brasileiro-francês, o signo sob o qual se colocaria "nossa nascente literatura."

(10) op. cit., p. 30.

(11) op. cit., p. 114.